



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Programação começa a ser gradualmente retomada

Gradualmente, os espaços não atingidos pelas recentes enchentes buscam reorganizar suas programações, boa parte das quais ainda voltada para auxiliar os diferentes segmentos artísticos atingidos pelas águas. Parte desta programação, aliás, traz espetáculos ou iniciativas que estavam originalmente marcadas para maio ou junho e que tiveram de ser, infelizmente, transferidas. Como consequência, o que se perdeu de programação durante aqueles dois meses vai ser concentradamente disponibilizado no segundo semestre, incluindo espetáculos de artes cênicas e programações musicais.

A primeira atração a ser concretizada é o Festival de Teatro para Crianças - Festecri, que ocorrerá entre 7 e 17 de julho vindouro, com espetáculos voltados inteiramente para crianças: nos dias de semana ocorrerão espetáculos dirigidos às escolas e, no final de semana, atrações para o público em geral.

O tradicional festival Palco Giratório, do Sesc/RS, que estaria distribuído por diferentes teatros da cidade, com a nova data vai ser concentrado no palco do Theatro São Pedro, entre 4 e 14 de novembro. Deve-se lembrar que este festival apresenta espetáculos de grupos oriundos de todas as partes do Brasil.

Logo em seguida, de 22 a 28 de novembro, ocorrerá o Porto Alegre Em Cena. O festival que a Secretaria Municipal de Cultura realizava tradicionalmente em setembro, durante a Covid recebeu formatos diferenciados e, neste ano, tendo em vista as cheias, terá igualmente um enfoque específico, por decisão de seu coordenador Luciano Alabarse: vai reunir exclusivamente grupos de Porto Alegre. Deste modo, o festival prestigia e auxilia aos artistas cênicos da cidade, atingidos pelos desastres de maio.

Por iniciativa da Secretaria de Estado da Cultura, e com apoio financeiro do Banrisul, ocorrerá, entre 19 e 27 de julho, o festival denominado Monitora Rio Grande, que propiciará realizações de grupos de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul, assim como cursos de formação online, reunindo profissionais do centro do País em parceria com artistas locais, propiciando bolsas de estudo para os alunos. Esta iniciativa busca ampliar a formação dos artistas locais e, ao mesmo tempo, ampará-los financeiramente, pois cada curso receberá vinte alunos bolsistas, além de propiciar acompanhamento de suas ações a tantos outros quantos o queiram, ainda que de maneira livre e sem suporte financeiro. Todos os ministrantes são voluntários, resultan-

do em parcerias bastante interessantes para a formação profissional dos interessados.

Por fim, a temporada de óperas foi reformulada, mas ao menos dois espetáculos permanecem em produção: comemorando o centenário de falecimento de Giacomo Puccini (1858-1924), ocorrerá a montagem de *La Bohème*, entre 5 e 11 de agosto e, entre 5 e 9 de novembro, a montagem de *Candinho*, ópera que aborda a vida e a obra de Candido Portinari, talvez o muralista mais significativo do Brasil e um dos pintores mais importantes do Modernismo, em especial por sua perspectiva nitidamente crítica das imagens que criou ao longo de décadas sobre o povo trabalhador brasileiro. A destacar que o nascimento de Puccini ocorreu seis meses depois da inauguração do Theatro São Pedro.

Em síntese, em que pese a tragédia que assolou o Estado e os evidentes prejuízos a produções culturais, artistas e grupos em geral, o segundo semestre parece projetar uma espécie de movimento de compensação, de reafirmação e resiliência por parte daqueles que, quase sempre, são os primeiros a pararem e os últimos a retomarem suas atividades.

Enquanto isso, a Secretaria Municipal de Cultura precisará resolver, urgentemente, o que fará com seus espaços. O Centro Municipal de Cultura, com duas salas, o Teatro Renascença e a Sala Álvaro Carvalho, foi duramente afetado pela enchente e já não vinha muito bem das pernas; o recém reconstruído Teatro de Câmara, na rua da República, foi praticamente destruído. Quanto à Secretaria de Estado da Cultura, embora bastante afetada, a Casa de Cultura Mario Quintana não perdeu o Teatro Carlos Carvalho e a sala Bruno Kiefer, que se encontram, respectivamente, no segundo e sexto andares. O Teatro do Ipê segue com planos de recuperação e breve reabertura: embora os pisos subterrâneos, que guardavam documentos de diferentes repartições do Estado, tenham sido atingidos pelas águas, o espaço do teatro em si, um pouco mais elevado, escapou da destruição. Enfim, quanto ao prédio da Fundação Ospa, embora tenha perdido toda a central de ar condicionado e elevadores que seriam instalados, conseguirá recuperar o maquinário graças à doação do mesmo Banrisul, concretizada no anúncio de semana passada do governo estadual.

Outros pequenos espaços distribuídos pela cidade, como o Instituto Ling, felizmente não foram afetados e, assim, poderão retomar, na medida do possível, suas atividades.



Hélio Nascimento

Cinema

hr.nascimento@yahoo.com.br

O jardineiro

Paul Schrader começou a se destacar quando foi um precioso colaborador de Martin Scorsese em *Taxi Driver - Motorista de táxi*, realizado em 1976 e com o qual o cineasta, dando os primeiros passos na carreira, ganhou a Palma de Ouro no Festival de Cannes. Mais tarde, em 1978, roteirista e diretor voltavam a trabalhar juntos em *A última tentação de Cristo*, quando então Schrader foi o responsável pela adaptação do romance de Nikos Kazantzakis. O filme, um dos melhores de Scorsese, foi muito combatido na época por círculos religiosos e até bastante criticado pelo Vaticano. No entanto, há algumas semanas, Scorsese foi recebido pelo Papa Francisco, ao qual anunciou que está fazendo mais um filme sobre Jesus. Ao passar para a direção, por sua vez, Schrader não conseguiu a mesma repercussão, mas realizou filmes que sempre se colocaram acima da corriqueira produção americana, mesmo que não tenha obtido o mesmo êxito de vários colegas de geração, que, a partir dos anos 1960 do século passado, terminaram por levar às telas uma visão diferenciada da vida americana, tecendo variações sobre temas antes não abordados. Ele realizou *Gigolô americano*, em 1980, e dois anos mais tarde teve a ousadia de realizar uma nova versão do clássico *Sangue de pantera*, dirigido por Jacques Tourneur em 1942 e um dos pontos altos do ciclo produzido por Val Newton e integrado por obras do gênero terror. Pelo menos no Brasil, nos últimos anos Schrader tem tido trabalhos apresentados apenas pela televisão.

Agora, com este *Jardim dos desejos*, ele volta aos cinemas com um filme que foi selecionado para a mostra competitiva do Festival de Veneza de 2022. Eis um trabalho que se harmoniza não apenas com alguns filmes anteriores de Schrader como diretor e roteirista. É clara, por exemplo, a ligação do protagonista com o personagem vivido por De Niro em *Motorista de táxi*, sobretudo na tentativa de salvar da violência e do caos em que vai se transformando a sociedade a sobrinha-neta de uma senhora que administra uma propriedade na

qual se destaca um imenso e majestoso jardim. O personagem atual é um jardineiro dos mais competentes, e conhecedor da história da botânica. Mas aos poucos, como é de seu estilo, o cineasta vai revelando aspectos e segredos que compõem o passado do personagem. Assim, o que parece uma sociedade organizada segundo padrões de excelência vai se transformando numa fachada que esconde demônios e fantasmas. A ideia é a de mostrar um mundo no qual a violência se encontra apenas aparentemente dominada. Quase que há um massacre como aquele do filme de 1976, mas a violência e a agressividade são semelhantes. O final pode ser discutido e visto como uma concessão, mas o filme, inegavelmente, tem sua força.

Porém, no que se relaciona às exibições em Porto Alegre, algo prejudica bastante o filme. Uma projeção fora de moda, numa época em que a luminosidade permite ao cinema vencer concorrentes que oferecem boas condições no ambiente doméstico, não permite mesmo que se veja claramente o rosto dos intérpretes. As imagens são dominadas por sombras que nada tem a ver com o pretendido pelo diretor. Antes, em alguns trailers também exibidos, o mesmo acontecia. A ausência de luminosidade e nitidez adequadas é algo que o cinema não pode prescindir. No caso de *Jardim dos desejos*, até as tatuagens no corpo do personagem principal não são claramente visíveis, o que anula o efeito pretendido, até porque são elas visualmente importantes para a compreensão do relato. Os exibidores, que nos últimos tempos têm enfrentado problemas gerados por epidemias e inundações, não podem descuidar do material que oferecem ao público, sob pena de perderem a batalha para outros meios de exibição de filmes. O cinema vai continuar, é claro. Em muitas cidades, inclusive aqui, salas estão sendo equipadas de maneira a oferece ao público projeções de qualidade. Mas é necessária atenção para as telas, que devem ser iluminadas de forma perfeita e mostrar figuras e paisagens de forma a não as desfocar.